



A fotografia como linguagem para a formação cidadã

**Luzia Mitsue Yamashita Deliberador
Fabiana A. Alves
Mariana Ferreira Lopes**

Artigo recebido em: 20/11/2012

Artigo aprovado em: 25/02/2013

DOI 10.5433/1984-7939.2013v9n14p13

A fotografia como linguagem para a formação cidadã

Photography as language to civil education

Luzia Mitsue Yamashita Deliberador *

Fabiana A. Alves **

Mariana Ferreira Lopes ***

Resumo: *Esta pesquisa tem como objetivo analisar como a oficina de mídiamediação na linguagem fotográfica realizada com educandos do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina contribui para a alfabetização crítica em fotografia, bem como no crescimento e fortalecimento de seu comprometimento com a sua comunidade escolar. Trata-se de um trabalho que se situa em duas grandes frentes: a alfabetização crítica na linguagem fotográfica e o uso desta linguagem para despertar o sentimento de pertença.*

Palavras-chave: *Cidadania. Mídiaeducação. Oficina de fotografia. Linguagem fotográfica.*

Abstract: *This research aims to analyze how the media education's workshop in photographic language performed with students of Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina (Application School from Londrina's Public University) contributes to critical literacy in photography as well as the growth and strengthening of their commitment to their school community. It is a work that stands on two major fronts: literary critical in photographic language and the use of this language to evoke the feeling of belonging.*

Keywords: *Citizenship. Media education. Photography workshop. Photography language.*

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do curso de Comunicação Social da Faculdade Maringá. Vice-coordenadora do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Local (Comuni) do PÓSOM da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: adeli@sercomtel.com.br

** Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). E-mail: falves.cs@gmail.com

*** Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente do curso de Comunicação Social da Universidade Norte do Paraná (Unopar) e da Faculdade Maringá. E-mail: flopes.mariana@gmail.com

Introdução

A forte presença das mídias na sociedade atual vem levantando uma série de debates e questionamentos acerca de sua relação com as crianças. Um dos vieses possíveis de reflexão e ação consiste na mídiaeducação, um campo que emerge da interdisciplinaridade entre as áreas da comunicação e educação, cujo intuito é contribuir para o consumo reflexivo e para a produção de uma resposta social aos meios de comunicação em diferentes espaços educativos, tantos formais quanto não-formais.

Tendo em vista a imersão imagética da sociedade atual e seus desdobramentos para o consumo e uso de imagens pelas crianças e jovens, faz-se necessária a promoção de práticas que vislumbrem a alfabetização crítica na linguagem fotográfica. A fotografia representa a realidade por meio de um discurso, no qual os elementos de sua linguagem lhe empregam determinados sentidos. Saber interpretar tais significações e empregá-las para a construção de um discurso próprio sobre o real são possíveis atribuições de uma prática de mídiaeducação em fotografia.

Somada ao objetivo da mídiaeducação de formação de um receptor crítico, criativo e ativo face ao universo midiático, quando assumida a perspectiva da comunicação comunitária, este campo de atuação e prática tem seu significado ampliado. Realizar uma leitura crítica da realidade, incitar o comprometimento e o pertencimento são finalidades que passam a ser consideradas e buscadas ao utilizar os meios de comunicação como forma de expressão para debater e conhecer a comunidade a qual os participantes pertencem. Assim, além de alfabetização crítica na linguagem midiática, é abordada a relação do sujeito com a sua comunidade, bem como o seu comprometimento com a mesma. Dentro desta perspectiva, a fotografia se coloca como importante suporte midiático que permite o registro do olhar do sujeito sobre o real e seu desejo de transformação.

Inserida neste contexto teórico, encontra-se a presente pesquisa de mídiaeducação na linguagem fotográfica. Trata-se de uma análise da

oficina realizada com educandos do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina, em maio de 2011, a fim de identificar como esta *práxis* pode contribuir para a criação e fortalecimento do sentimento de pertença e comprometimento destes sujeitos com a sua comunidade escolar. Também se busca compreender como a fotografia pode auxiliar tal processo e a importância de ser realizada uma alfabetização crítica nesta linguagem. A pesquisa teve como embasamento teórico conceituações sobre a área da mídiameducação na perspectiva da comunitária e da fotografia.

Mídiameducação na perspectiva da comunicação comunitária

Os meios de comunicação têm se tornado uma escola paralela às instituições que tradicionalmente eram encarregadas da educação dos indivíduos, a escola e a família. No âmbito da educação informal, a mídia se mostra como importante instrumento por meio do qual a sociedade vem se relacionando e compreendendo o mundo que a cerca. A realidade é perpassada pela presença dos meios de comunicação, que ocupam um lugar de destaque no processo educativo. (BACCEGA, 2009). A relação entre crianças e mídias remete à discussão sobre os direitos das mesmas, estabelecidos pela Convenção sobre os Direitos das Crianças e dos Adolescentes e regulamentados pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1989. O tema – criança e mídia – abrange o direito à proteção, à participação e à provisão. David Buckingham (2007) realiza uma reflexão acerca de tais direitos e acrescenta um último que a seu ver se coloca como fundamental para a garantia dos três primeiros, o direito à educação. O autor destaca que

As instituições educacionais têm um papel vital para tornar o acesso das crianças mais igualitário, tanto às tecnologias de mídia como ao capital cultural necessário para usá-las da forma

mais produtiva. Elas podem fornecer os meios e o apoio necessário para a participação das mídias dos dois tipos identificados acima. E elas podem desenvolver nas crianças a habilidade de proteger a si mesmas do ambiente das mídias – ou de forma mais positiva, de entendê-lo e de lidar efetivamente com ele. (BUCKINGHAM, 2007, p.293).

Trata-se da mídia educação. Segundo a definição do manual latino-americano de educação para a comunicação, esta prática deve propor a formação de um sujeito crítico e ativo frente aos meios de comunicação. Tal busca pressupõe o entendimento do receptor enquanto ser historicamente e culturalmente inserido em um grupo social, que participa de diversos processos comunicativos e é dotado de uma visão de mundo. Sua posição é ativa na sua relação com as mensagens midiáticas, podendo inclusive reelaborá-las e confrontá-las. Desta forma, o manual apresenta que

A Educação para os Meios de Comunicação representa um processo que tende a problematizar tanto o conteúdo quanto a relação estabelecida pelo sujeito receptor com os meios de comunicação, confrontando a proposta cultural dos meios (como parte da sociedade) com a sua própria, esclarecendo as suas divergências e convergências. (CENECA, 1992, p.20).¹

As possibilidades de intervenção da *práxis* da mídia educação na formação de um receptor crítico constroem o significado de seu contexto, ou seja, das perspectivas pelas quais ela vem sendo pensada e praticada. As áreas de atuação e reflexão são apresentadas por Pier Cesare Rivoltella como contexto metodológico ou tecnológico; contexto crítico; e contexto produtivo, que, respectivamente, podem ser traduzidos como uma educação com, para e através dos meios de comunicação.

¹ Tradução livre do original: “De aqui que la Educación para los Medios de Comunicación represente un proceso que tiende a problematizar tanto el contenido como la relación que establece el sujeto receptor con los medios (como parte de la sociedad) con la suya, esclareciendo las convergencias y divergencias.”

Considerando que num processo de apropriação crítica e criativa sempre se aprende *através* das mídias, seja *com* ou *sobre* elas, as práticas de mídia educação dizem respeito à sua concepção como objeto de estudo, como instrumento de aprendizagem e como forma de cultura. (RIVOLTELLA *apud* FANTIN, 2006, p.86).

Atrelar à mídia educação a função de desenvolver criticamente e criativamente os sujeitos consiste em conduzir sua *práxis* a um objetivo maior que é educar para a cidadania. Nesta perspectiva, a formação cidadã assume a alcinha de criar “uma condição para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para uma redução das desigualdades sociais”. (FANTIN, 2006, p.31). A educação para a cidadania, conforme explica Ferreira (1993, p.221), sustenta-se na premissa da passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, como forma de retirar dos indivíduos a ingenuidade que lhes impede de “discernir o foco da sua dominação”.

Para além das atribuições dadas pelos autores acerca do objetivo maior da mídia educação em formar cidadãos, a *práxis* da mídia educação pode expandir para uma educação para a cidadania que engloba, então, as questões envolvendo o pertencimento e o comprometimento com a realidade local.² Tal perspectiva alicerça-se em algum dos pressupostos da comunicação comunitária e desta área, tomam-se emprestadas as bases teóricas acerca da relação com a comunidade e seu comprometimento com ela. Assim, a ideia de cidadania é aliada à condição de pertencimento e emancipação a fim de que a mídia educação tenha por objetivo despertar e reforçar o sentimento de pertença e o comprometimento dos sujeitos envolvidos nestes processos com a comunidade da qual participam.

² A proposta de mídia educação na perspectiva da comunicação comunitária foi estabelecida e vem sendo desenvolvida no curso de Comunicação Social da Faculdade Maringá e na Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina, pela pesquisadora Dr^a Luzia Mitsue Yamashita Deliberador. (DELIBERADOR, 2011; DELIBERADOR; LOPES, 2011).

Ao propor que os sujeitos participantes utilizem os meios de comunicação como linguagem para fortalecerem sua relação com a comunidade – seja ela sua escola, o seu bairro, ou sua cidade –, as práticas midiaeducativas desenvolvidas buscam despertar o sentimento de pertença e sua consequente adesão às questões comunitárias. Adela Cortina (2005, p.20-21) explica que:

[...] *Reconhecimento* da sociedade por seus membros e consequente *adesão* por parte destes aos projetos comuns são duas faces da mesma moeda que, ao menos como pretensão, compõem esse conceito de cidadania que consistiu a razão de ser da civilidade. (Grifos da autora).

É neste contexto teórico-metodológico que se configura a presente pesquisa, realizada com educandos de uma escola do município de Londrina (PR). Foram desenvolvidas oficinas de midiaeducação na linguagem fotográfica a fim de que, por meio do registro fotográfico de sua escola, houvesse a consolidação do seu sentimento de pertença.

Alfabetização crítica na linguagem fotográfica

O mundo está cercado de imagens, desde imagens visuais e mentais até as que tangem o sentido de metáforas. O imagético pode ser instrumento de comunicação, divindade, assemelhando-se ou confundindo-se com o que representa. “Visualmente imitadora, pode enganar ou educar. Reflexo, pode levar a conhecimento.” (JOLY, 1996, p.19). Assim, é preciso abordar a imagem de uma maneira complexa, abordagem que se estende à compreensão da mensagem visual fotográfica.

A fotografia já foi entendida como o “espelho da realidade”, como se tomasse naturalmente as cenas do mundo natural. Todavia, entende-se que não é bem assim, que a fotografia é apenas um traço do real.

Sabe-se que todas essas operações correspondem a toda uma série de escolhas e de manipulações feitas além da tomada: escolha do tema, do filme, do foco, do tempo de exposição, da abertura do diafragma etc. A todas essas escolhas, ainda é preciso acrescentar as escolhas feitas no momento da tomada – enquadramento, iluminação, pose do modelo, ângulo da tomada etc. [...] Todas essas escolhas, todas essas manipulações são a prova de que se constrói uma fotografia e, portanto, a sua significação. Se a existência do que está na fotografia é inegável (o que peguei na fotografia estava necessariamente diante de minha câmara; não vamos falar das fotos com trucagem), em compensação, o que a fotografia significa, seu sentido, é construído de maneira totalmente convencional e cultural pelo jogo de todos esses parâmetros. (JOLY, 1996, p.128).

A imagem fotográfica é munida de subjetividade, de intenções e deve ser pensada a partir de toda a sua construção, do gesto de fotografar, a sua função, distribuição até a recepção do espectador. Philippe Dubois ressalta que com a fotografia não é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser assim, pois é um verdadeiro ato icônico que não pode ser concebida fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima. “Esse ‘ato’ não se limita trivialmente apenas ao gesto da *produção* propriamente dita da imagem (o gesto da ‘tomada’), mas inclui também o ato de sua *recepção* e de sua *contemplação*.” (DUBOIS, 1994, p.15, grifos do autor). A fotografia, conforme Dubois (1994), é inseparável de toda a sua enunciação, como *experiência* de imagem, como objeto *pragmático*. Desta forma, a fotografia, meio pretensamente objetivo, implica na questão de sujeito, em especial do sujeito em *processo*.

A imagem é entendida como uma ferramenta de expressão e de comunicação e, por isto, é possível admitir que ela constitua uma mensagem para o outro. Assim, segundo Martine Joly (1996), uma das preocupações necessárias para compreender o conteúdo de uma mensagem visual é buscar para quem e com qual função a imagem foi criada, afinal a produção de imagens sempre tem um fim, elas são fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos.

A fotografia sempre permite uma leitura, que só é possível porque a mensagem fotográfica é composta por códigos abertos e contínuos, sem símbolos ou códigos preestabelecidos. Paulo César Boni (2000, p.13) explica que os códigos são considerados abertos porque permitem várias leituras. “E são contínuos porque sempre permitem, a todos, novas (re)leituras. Códigos abertos e contínuos descondicionam a leitura da mensagem fotográfica do conhecimento de códigos definidos e preestabelecidos.”

Dessa forma, conforme Sousa (1998), a fotografia pode ser uma fonte de informação e comunicação que se beneficia de uma espécie de linguagem universal, que extravasa fronteiras, políticas, economias e mesmo culturas. Com isso, permite a todo o ser humano se comunicar com outros, evitando as necessidades de tradução. Todavia, a fotografia “não dispensa um auxílio eventual à leitura da imagem fotográfica, já que nem todos possuem um índice de literacidade imagética que permita a exploração total das imagens fotográficas”. (SOUSA, 1998, p.87). O autor evidencia a existência de linguagens fotográficas e não uma linguagem, uma vez que cada imagem depende do seu fotógrafo, de como será conotada em função da pessoa, do meio social em que ela se insere e da sua cultura.

A fotografia enquanto linguagem apresenta, então, ao seu leitor infinitas possibilidades e metodologias de decodificação, que podem variar conforme o foco de observação. Boni (2000), por sua vez, propõe a metodologia da intencionalidade de comunicação, que se foca na tradução dos significados construídos pelo emissor – o fotógrafo – por meio da desconstrução dos elementos fotográficos e dos recursos técnicos por ele utilizados ao conceber sua fotografia. Segundo o autor, o enunciador ao *escrever* sua fotografia utiliza uma gama de possibilidades – escolha de ângulo, plano, perspectiva, iluminação, foco, entre outras – para compô-la de maneira a revelar ao enunciatário a sua visão do fato retratado.

Quando um fotógrafo registra uma cena, salvo raras exceções ligadas às experimentações artísticas, ele tem um significado mentalizado. Registrando o que viu – paisagens, pessoas, animais, objetos – intenciona transferir para os outros, presentes ou não ao local do registro, por meio de uma imagem, um fragmento da realidade que presenciou. (BONI, 2000, p.38).

Para elaborar significados, além de contar com seu repertório cultural, político e social, é necessário que o fotógrafo domine e saiba explorar o vocabulário da linguagem fotográfica. Estes dois fatores lhe permitem imprimir sua intencionalidade de comunicação no ato fotográfico. Assim, entendendo os recursos técnicos e elementos fotográficos utilizados pelo emissor na construção do significado de sua mensagem, será possível compreender, na composição das imagens, os indícios da intencionalidade de comunicação do fotógrafo. Tal compreensão e o domínio dos elementos da linguagem fotográfica fazem parte do repertório utilizado na alfabetização crítica em fotografia realizada junto aos educandos que participaram da pesquisa.

Metodologia e estrutura das oficinas

Inicialmente, cabe realizar um breve diagnóstico da metodologia da pesquisa, termo utilizado para “indicar a investigação ou a teorização da prática da pesquisa científica [...]”. (LOPES, 2003, p.93). Neste caso, a presente pesquisa insere-se no quadro da pesquisa participante entendida como um “tipo de investigação em que o pesquisador interage com o grupo pesquisado, acompanha as atividades relacionadas ao ‘objeto’ em estudo e desempenha algum papel cooperativo no grupo” (PERUZZO, 2009, p.137), que pode tanto ser originada pelo pesquisador quanto pelo grupo investigado.

A metodologia empregada na oficina estrutura-se nas propostas e preceitos envolvendo a mídia educação e a fotografia, e englobam a inserção das atividades no contexto produtivo da mídia educação de

acordo com a tripartição exposta por Rivoltella. A oficina “A fotografia como linguagem expressiva para a formação cidadã” foi ministrada pelas autoras em dois momentos, nos dias 2 e 3 de maio de 2011, durante a III Jornada de Humanidades do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Os dois encontros ocorreram nas dependências do colégio no período da manhã e tiveram duração de uma hora e meia sendo abertas para educandos do ensino médio da instituição. No primeiro dia, as atividades abrangeram os aspectos da linguagem fotográfica, experimentações com fotografia, a análise de imagens e uma breve apresentação sobre a rotina de produção no fotojornalismo. Na oficina subsequente, os educandos discutiram sobre a realidade escolar e saíram pela escola para fotografar.

A cada participante foi entregue um manual para que acompanhassem as discussões das aulas. O conteúdo do material foi produzido especialmente para a oficina pelas suas ministrantes, que continha um breve histórico da fotografia e os principais elementos da linguagem fotográfica que seriam explorados em sala de aula, como os planos de tomada, composição, ângulo e cor. Havia também apontamentos sobre o fotojornalismo e o modelo de pauta jornalística, uma vez que os educandos iriam analisar e produzir imagens.

Sujeitos da pesquisa

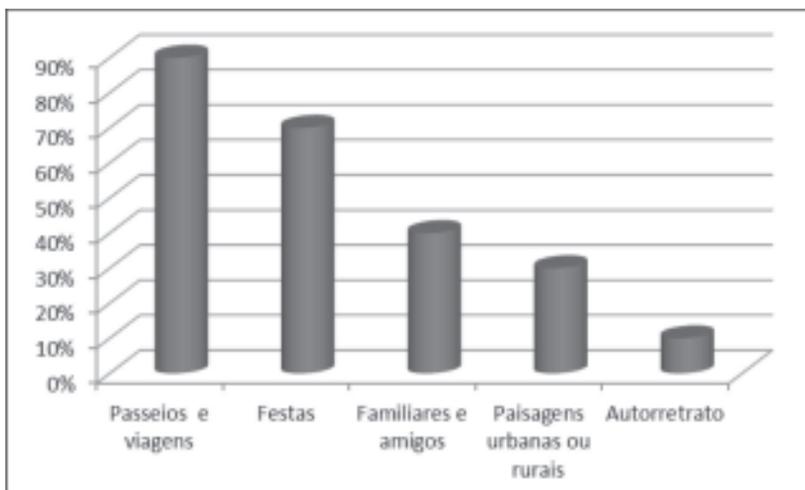
As oficinas foram ministradas para educandos do ensino médio da instituição, que se inscreveram previamente. Na primeira aula estiveram presentes 14 inscritos³ todos estudantes da 1ª à 3ª série do ensino médio

³ No projeto da oficina enviado à organização do evento foi solicitado que houvesse duas aulas com os mesmos educandos, pois na primeira seriam trabalhados os aspectos teóricos e na segunda a prática. Contudo, este pedido não foi respeitado e os educandos, a princípio, inscreveram-se em outras oficinas no segundo dia e diferentes estudantes matricularam-se na aula do dia seguinte. O impasse foi solucionado quando alguns participantes do primeiro dia se dispuseram a permanecer na oficina para as ações práticas conforme o cronograma estabelecido inicialmente. Por este motivo, não foi possível oferecer a atividade aos demais inscritos para o segundo dia.

e na segunda 11 educandos que realizaram a experiência prática em fotografia e constituem a amostragem de avaliação e relato da oficina. Dentre os 11 participantes, oito eram do sexo masculino e três do feminino.

Buscou-se identificar a relação entre os jovens participantes e a fotografia, de modo a compreender como o ato de fotografar e o consequente uso da imagem como forma de expressão estão inseridos em seu cotidiano. As perguntas sobre esta temática estavam presentes no formulário de avaliação e questionavam se os participantes possuíam máquina fotográfica ou celular equipado com câmera, se eles gostavam de tirar fotografias e o que eles costumavam registrar em suas imagens. Apenas um dos educandos respondeu não possuir nenhum equipamento eletrônico que possibilite a captura de imagens fixas. Oito dos educandos afirmaram gostar de tirar fotografias enquanto o restante, 27,27%, não tem esta atividade como preferencial em seu dia a dia. A predileção por temas de captura recaiu no registro de passeios e viagens, seguidos pelas festas e pelo retrato de familiares e amigos (Gráfico 1):

Gráfico 1 - Preferência de temas fotografados



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras

Relato das atividades desenvolvidas durante a oficina

A oficina foi realizada, no primeiro dia, com 14 educandos do ensino médio do Colégio de Aplicação da UEL. Com as cadeiras da sala organizadas em meio círculo, a aula foi iniciada com a exposição dos objetivos da atividade que consistia em apresentar aos estudantes a linguagem fotográfica a fim de que eles a empreguem no intuito de criar um canal de expressão para formar sua cultura participativa e assim exercerem sua cidadania. Na sequência, houve o reconhecimento do grupo por meio da apresentação de cada um que informou o nome, a idade e a série que cursa.

Com os manuais distribuídos, foi feito um breve comentário sobre a história da fotografia, enfocando principalmente sua evolução tecnológica e alguns pontos relevantes do fotojornalismo. Na sequência, foi iniciada a abordagem sobre a linguagem fotográfica e optou-se em destacar somente os seus elementos mais utilizados. Segundo Boni (2000), alguns recursos técnicos e uma série de elementos que compõem a linguagem fotográfica são largamente utilizados pelos fotógrafos para auxiliar a manifestação do seu pensar por meio de uma fotografia. “Esses elementos são uma espécie de vocabulário utilizado para ‘traduzir’ para o leitor o significado que o fotógrafo havia construído antes de apertar o disparador de seu equipamento fotográfico.” (BONI, 2000, p.49). Assim, conhecer estes elementos é uma forma de o leitor fazer uma leitura crítica da imagem que compõe os meios de comunicação impressos e poder refletir sobre a informação que recebe.

Foram eleitos quatro elementos básicos da linguagem fotográfica para trabalhar durante a oficina: os planos de tomada, a composição, os ângulos e as cores. Estes itens foram escolhidos, pois todas as imagens fotográficas lidam, voluntária ou involuntariamente, com eles. Além disso, por se tratar de uma oficina curta, foi decidido não apontar todas as possibilidades de elementos da linguagem fotográfica para evitar uma

possível confusão pelos educandos que estavam tendo o primeiro contato com o universo teórico da fotografia.

Dentro dos planos de tomada, foi exposto aos educandos que estes se definem quanto ao distanciamento da câmera fotográfica em relação ao objeto fotografado. Podem ser: panorâmico, grande plano geral, geral, médio, americano, primeiro plano e de detalhe. A composição é entendida como o ato coordenar a disposição dos elementos em um determinado espaço, visando garantir um equilíbrio visual e dar plasticidade e informação à fotografia. São três os principais elementos da composição fotográfica: regra dos terços, perspectiva e foco. Já os ângulos representam o “ponto de vista” do fotógrafo em relação ao motivo fotografado, podendo ser: normal, mergulho ou contramergulho. Em relação às cores, apontamos que a escolha pelo preto e branco ou pelas cores está relacionada à estética escolhida por cada fotógrafo. Além das definições básicas destes pontos da linguagem fotográfica, abordamos as possíveis significações que cada um destes elementos conota para que os estudantes pudessem aplicá-las nas leituras e na produção de imagens.

Para exemplificar a discussão a respeito da linguagem fotográfica, foram utilizadas fotografias da agência “Imagens do Povo”.⁴ Após a explicação oral sobre os elementos da linguagem fotográfica elencados, como a maioria dos educandos da oficina compareceram à aula munida

⁴ Trata-se de um projeto elaborado João Roberto Ripper, em 2004, que criou um centro de documentação, pesquisa, formação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho, sendo também um espaço destinado à apresentação e discussão da produção fotográfica contemporânea. Faz parte do programa sócio-pedagógico do Observatório de Favelas que tem sede na Maré, no Rio de Janeiro. O “Imagens do Povo” tem como principais projetos: a Agência Escola, a Escola de Fotógrafos Populares, o Banco de Imagens, o Curso de Formação em Educadores da Fotografia, as Oficinas de Fotografia Artesanal – sobretudo às de Pinhole, destinadas às crianças e adolescentes – e a Galeria 535. Aliando a técnica fotográfica às questões sociais, os educandos e os fotógrafos formados pela escola produzem e armazenam fotografias de espaços e temáticas populares e também de assuntos do cotidiano da comunidade e relacionados aos direitos humanos e à cultura local. Além de produzirem pautas variadas encomendadas à agência – na qual a maioria dos trabalhadores é ex-educandos da Escola de Fotógrafos Populares e moradores –, encaminham suas imagens para o Banco de Imagens do programa. Estas fotografias são comercializadas, sobretudo para a imprensa, e transmitem para fora da localidade a visão que os moradores pertencentes àquela realidade têm de sua própria comunidade, assim evitam expressar os estereótipos das regiões carentes do Rio de Janeiro.

de algum tipo de equipamento fotográfico – desde câmeras de celular a um equipamento semiprofissional – foi realizado um exercício dentro da própria sala de aula com intuito de fortalecer a aprendizagem. As pesquisadoras pediram que os participantes fotografassem a sala de aula e os colegas utilizando os elementos que haviam aprendido. Foi um momento importante para sanar dúvidas e de aproximação das educadoras com os educandos. Os estudantes também começaram a perceber de forma mais enfática que poderiam utilizar fotografias para se expressarem e a importância da linguagem específica da área, inclusive para a leitura das imagens.

Após o exercício partiu-se, então, para a explanação sobre o fotojornalismo, especialmente sobre a importância de saber ler as imagens jornalísticas a fim de que se apreenda as informações contidas nas fotografias, e sobre a produção da notícia. Em seguida, foram distribuídas imagens veiculadas em jornais diários de Londrina aos participantes e solicitado que identificassem os elementos da linguagem fotográfica presentes – qual foi o plano de tomada, o ângulo e a regra de composição utilizado? – e qual a informação transmitida pela fotografia – quais significados estes elementos conotam? Os educandos discutiram entre si, sanaram algumas dúvidas com as educadoras e, depois de completarem a atividade, apresentaram para a turma as suas conclusões sobre a imagem analisada e puderam ouvir os apontamentos dos colegas.

Para arrematar as atividades do primeiro dia – e, na tentativa de concretizar as ligações existentes entre a linguagem fotográfica, o fotojornalismo e a produção de notícias –, foi realizada a encenação do cumprimento de uma pauta jornalística para que os educandos atuassem como repórteres fotográficos dando sugestões de imagens. Uma estudante foi selecionada para se passar por alguém que havia sido assassinada, outro para ser o repórter fotográfico e uma jornalista como editora. Mesmo com apenas dois educandos participando ativamente da cena, muitos educandos sugeriram formas de fotografar valorizando diferentes aspectos da linguagem fotográfica e até mesmo

da notícia. Com isso, conseguiu-se apontar como a linguagem direciona inclusive para qual tipo de veículo a fotografia será produzida, se para um jornal sensacionalista ou se para outro de linha editorial mais séria. A discussão pontuou os entendimentos e as interpretações que os estudantes obtiveram com a oficina sobre o uso da linguagem fotográfica e as possibilidades da imagem ser utilizada como forma de expressão. Foi pedido, por fim, que os educandos trouxessem para a próxima aula suas máquinas fotográficas para a atividade prática.

O objetivo do segundo dia de oficina focou-se na produção de fotografias considerando os elementos que haviam sido estudados na aula anterior. O tema das imagens seria a própria escola e, portanto, antes de saírem para fotografar os educandos foram incitados a refletir sobre a realidade escolar a fim de utilizar a fotografia como forma de expressão deste espaço. A turma se dividiu em três grupos, conforme as suas afinidades, e tiveram que responder às seguintes questões: O que vocês mais gostam e menos gostam na escola? O que é a escola para vocês? Como seria uma escola ideal?

As respostas de cada grupo foram debatidas pela turma toda, o que propiciou uma reflexão interessante sobre o espaço escolar. Mesmo com a presença de uma professora na sala, os educandos não se intimidaram ao darem a sua opinião com críticas e elogios e se mostraram satisfeitos por poderem expressar suas ideias a respeito da escola na qual estudam. As constatações apresentadas pelos grupos a respeito das questões debatidas demonstraram uma insatisfação geral quanto à infraestrutura e o pouco uso de espaços como o laboratório e a fotocopadora, bem como a maneira como as aulas são ministradas. Os educandos disseram que preferem aulas e professores cuja didática é diferenciada e se articula com o seu cotidiano, não os fazendo sentir presos nas salas.

Acerca do papel da escola, eles apontaram tratar-se de uma instituição essencial para a sua formação e para adquirirem conhecimento, além de ser um espaço de socialização. Em sua opinião,

a escola ideal é aquela com aulas mais dinâmicas e com outro processo de ensino-aprendizagem, além de ser a que oferece uma estrutura adequada, com laboratórios e até uma lanchonete. Ainda que o tempo destinado à discussão sobre a escola tenha sido limitado, a oportunidade de expressar e conseqüentemente refletir sobre a realidade na qual se está inserido pode ser considerado um dos primeiros passos para o comprometimento com a mesma.

Ao expressarem sua opinião sobre a escola, os educandos eram questionados sobre o seu grau de comprometimento para promoção de mudanças. A grande maioria diz que costuma reclamar com a autoridade competente. Mas eles reconhecem que não existe uma mobilização dos estudantes para garantir as melhorias necessárias, muitas vezes pela falta de um canal de comunicação ou até mesmo pelo seu próprio comportamento. A partir de tal constatação, foi levada aos educandos a possibilidade de utilizar a fotografia como linguagem com a qual eles pudessem expressar e refletir sobre a sua relação com a sua comunidade escolar.

Cada grupo escolheu quatro temas a serem fotografados e foi pedido para que eles identificassem qual o discurso que gostariam de passar com cada uma das imagens e, desta forma, destacassem quais elementos da linguagem fotográfica seriam empregados para atingir tal finalidade. Os temas escolhidos foram: escola como preparação para o futuro, a má utilização dos laboratórios, a escola como prisão, problemas de infraestrutura, escola como lugar de socialização, diferenças entre a escola e o colégio vizinho e a falta de acessibilidade.

Após a escolha, os grupos saíram para capturar as imagens com as suas próprias câmeras. Cada grupo estava acompanhado por um responsável, dois deles pelas ministrantes e um terceiro por uma professora do colégio. No decorrer da atividade, foi pedido que os educandos explorassem a sua criatividade e estivessem amparados do manual entregue no encontro anterior para que pudessem apropriar-se corretamente da linguagem fotográfica. Após o registro, os grupos

retornaram à sala e selecionaram as imagens e legendas (Figuras 1, 2 e 3) que foram entregues às ministrantes. Por fim, os educandos fizeram uma breve avaliação da oficina.

Figura 1 - Fachada do Colégio de Aplicação com o seu lema



*Fotografia: Educandos do grupo 1
Fonte: Acervo pessoal das autoras*

Figura 2 - A depredação do patrimônio escolar



*Fotografia: Educandos do grupo 2
Fonte: Acervo pessoal das autoras*

Figura 3 - A escola aprisiona os alunos ao invés de libertá-los



*Fotografia: Educandos do grupo 3
Fonte: Acervo pessoal das autoras*

Avaliação

A fim de realizar uma análise sintética da repercussão da oficina para os educandos participantes foi elaborado e distribuído um formulário de avaliação. As questões que o compunham eram: 1) Depois do que foi explicado na oficina você se sente mais capaz de ler uma fotografia? 2) Você pretende colocar em prática o que foi ensinado quando for tomar uma fotografia? 3) A oficina ajudou você a refletir sobre a realidade escolar? e 4) De tudo o que foi trabalhado na oficina, o que você achou mais importante para a sua vida?

Todos os educandos afirmaram que pretendem utilizar o que aprenderam na oficina em seu cotidiano, assim como que as discussões neste espaço os ajudaram a refletir sobre a realidade escolar. Quando

questionados sobre o que consideravam mais importante dentre tudo o que foi abordado nos dois dias de aulas, as respostas abrangeram três eixos. O primeiro versa sobre o entendimento de que a fotografia é uma linguagem e forma de expressão. O segundo, de que, por ser uma linguagem, é preciso saber interpretar a fotografia. E por fim, de que o significado da fotografia é construído pela escolha do fotógrafo considerando o rol de elementos presentes em sua linguagem.

Para as ministrantes, a oficina conseguiu atingir seu objetivo de propiciar a alfabetização crítica na linguagem fotográfica e seu emprego para a construção de um discurso acerca de sua realidade. Durante a discussão sobre a comunidade escolar e a captura de imagens, os educandos foram incitados a refletir sobre a importância da construção de um olhar crítico de seu entorno aliada à necessidade de expressar sua opinião. Este é um primeiro passo para pensar e promover uma cultura participativa em primeira instância, que pode se estender às esferas macrossociais, conforme estabelece Juan Díaz Bordenave (1979, p.26) ao afirmar que, “a participação na família, na escola, na comunidade, constituiria a aprendizagem e o caminho para a participação em nível macro numa sociedade onde não existam mais setores ou pessoas marginalizadas”. Ao olhar para a realidade na qual estão inseridos, e desejando a sua transformação, os indivíduos são despertados para um sentimento de reconhecimento e de pertença à sua comunidade, desenvolvendo, desta forma, a cidadania.

Considerações finais

Este artigo teve por finalidade analisar como a oficina de mídiaeducação na linguagem fotográfica ministrada a educandos do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina contribuiu para a alfabetização crítica sobre a fotografia e para o crescimento e fortalecimento e comprometimento dos sujeitos participantes com a

sua comunidade escolar. A oficina teve como base conceitos e características em torno da linguagem fotográfica e da mídiameducação na perspectiva da comunicação comunitária. Salienta-se que o intuito deste trabalho não consiste em configurá-lo como único caminho a ser seguido. Entende-se, também, que mensurar o comprometimento e a formação cidadã é uma tarefa difícil, uma vez que se trata de um processo.

Observou-se que apesar de utilizarem e consumirem bastantes fotografias, a maioria dos educandos desconhecia os elementos básicos de estruturação de seu discurso. O primeiro encontro da oficina possibilitou a aproximação dos participantes com esta linguagem específica, ao debater e fornecer elementos que permitem a sua desconstrução e interpretação. Este aspecto insere-se dentro do objetivo de formação crítica, criativa e ativa do receptor estabelecido pelos preceitos de mídiameducação. O conhecimento do universo fotográfico foi a principal contribuição dada pela oficina, segundo a avaliação dos educandos.

Ao compreenderem como o discurso fotográfico configura-se, os educandos foram convidados a construir seu próprio discurso, utilizando a fotografia como linguagem expressiva acerca de sua realidade. Para que tal construção fosse possível, era necessário que eles refletissem sobre a sua relação com a comunidade escolar e tivessem um espaço para opinar. O debate que marcou o tema das fotografias demonstrou uma insatisfação dos educandos com a educação que recebem e as condições do local em que estudam. As principais críticas referiam-se à maneira como alguns professores conduzem suas aulas, sem dinamismo e interação entre educando e educador, e à infraestrutura considerada precária. Apesar do descontentamento com o mau uso dos laboratórios, os educandos reconheceram que muitas vezes eles mesmos são culpados pela depredação do patrimônio escolar. A discussão gerada e a prática fotográfica sobre a comunidade escolar possibilitaram os educandos a começarem a olhar para sua comunidade de maneira mais comprometida e crítica.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Campo comunicação/educação: mediador do processo de recepção. In: _____; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Gestão da comunicação**: epistemologia e pesquisa teórica. São Paulo: Paulus, 2009. p.13-26.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico**: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é participação**. São Paulo: Cortez, 1979.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CENECA. **Manual latinoamericano de educación para la comunicación**. Santiago, 1992.

CORTINA, Adela. **Cidadão do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

DELIBERADOR, Luzia Yamashita. Mídia e educação: Rádio escola no Colégio Estadual Cora Coralina de Sarandi (PR). In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 12., 2011, Londrina. **Anais...** Londrina: Intercom, 2011.

_____; LOPES, Mariana Ferreira. Mídia educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da Escola Municipal Olavo Soares Barros de Cambé (PR). **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.34, n.1, jan/jun.2011.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania**: uma questão para a educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

PERUZZO, Círcia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p.125-145.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo performativo**: o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.